

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Sofia Pfeiffer Araújo

A PRODUÇÃO DE VIDA CATIVADA EM CARTAS

São Carlos

2025

Sofia Pfeiffer Araújo

A PRODUÇÃO DE VIDA CATIVADA EM CARTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Regina Silva

São Carlos

2025

Araújo, Sofia Pfeiffer

A produção de vida cativada em cartas / Sofia Pfeiffer
Araújo -- 2025.
27f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Carla Regina Silva
Banca Examinadora: Inés Dacuña Vázquez
Bibliografia

1. Terapia Ocupacional . 2. Terapia Ocupacional como
Produção de Vida . I. Araújo, Sofia Pfeiffer. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

RESUMO

O trabalho apresenta o processo de criação, organização e análise do livro "Cartas para Mari – Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida", organizado como um dispositivo formativo, afetivo e coletivo dedicado à trajetória e ao pensamento de Mariângela Quarentei. A pesquisa descreve a construção do livro desde sua concepção inicial até as etapas de convite, recebimento dos textos, edição, diagramação e finalização da obra, destacando como cada fase expressa os princípios da Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV). O estudo evidencia a relevância da TOPV como referencial teórico-metodológico marcado pela singularidade, pela criação e pela indissociabilidade entre vida, prática e atividade humana. A partir da análise das cartas e das produções artísticas enviadas por autoras e autores convidados, o trabalho identifica elementos centrais da constituição da TOPV, sua expansão para diferentes territórios profissionais e a potência formativa dos encontros, afetos e modos de existir que atravessam esse campo. Além disso, aponta as tensões entre esse referencial vivo e experimental e as estruturas acadêmicas tradicionais, destacando a necessidade de ampliar sua presença nos espaços de formação universitária. O estudo conclui que o livro materializa um gesto contínuo de memória, criação e produção de vida, reafirmando a ética-estética que sustenta a prática da Terapia Ocupacional nesse horizonte e abrindo caminhos para novas investigações, práticas e experiências compartilhadas.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional; Terapia Ocupacional como Produção de Vida; Mariângela Quarentei

ABSTRACT

This work presents the process of creation, organization, and analysis of the book "Cartas para Mari – Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida", conceived as a formative, affective, and collective device dedicated to the trajectory and thought of Mariângela Quarentei. The study describes the development of the book, from its initial conception to the stages of inviting contributors, gathering letters, organizing artistic productions, editing, and finalizing the publication, highlighting how each phase expresses the principles of Occupational Therapy as Production of Life (TOPV). The research emphasizes the relevance of TOPV as a living and relational theoretical framework that understands human activity as a dynamic territory of creation, expression, and existence. Through analysis of the submitted letters and artistic materials, the work identifies central elements in the construction of the referential, its expansion across professional, academic, and artistic contexts, and the formative potential of encounters, affections, and collective processes that sustain this field. Ultimately, the study reveals how the book materializes a multiplicity of experiences that affirm TOPV as an ethical-aesthetic mode of doing and thinking Occupational Therapy, while also signaling possibilities for future investigations and for expanding this perspective within training and professional practice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
3. METODOLOGIA.....	13
3.1. EDIÇÃO E FORMATAÇÃO DO LIVRO	17
4. PRODUTOS E RESULTADOS.....	18
5. REFLEXÕES	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca apresentar e analisar o processo de criação e organização do livro *“Cartas para Mari - Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida”*, desenvolvido pelas organizadoras Carla Regina Silva, Inés Dacuña Vázquez e por mim, Sofia Pfeiffer Araujo. A obra nasce como gesto de memória, afeto e reconhecimento, mobilizada pela importância da terapeuta ocupacional Mariângela Quarentei para o campo da Terapia Ocupacional no Brasil, especialmente no que se refere ao pensamento e prática fundamentados no referencial da Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV). O livro se potencializa como um dispositivo de celebração, registro e continuidade de um modo de existir e fazer Terapia Ocupacional que se constrói na relação, na experiência e nos encontros que afetam e transformam, reunindo textos, cartas e produções artísticas dedicadas à autora

A ideia do livro surge, inicialmente, em uma viagem compartilhada entre Carla e Inés, quando ambas, ao revisitarem lembranças de suas trajetórias com Mari, reconheceram o desejo comum de homenageá-la e de tornar público o impacto de sua presença nos percursos profissionais, acadêmicos e pessoais de inúmeras pessoas. Essa conversa, advinda de saudade, admiração e inspiração, germinou como projeto coletivo um livro que não apenas cativasse memórias, mas que também evocasse modos de fazer-sentir Terapia Ocupacional. Assim, Mari é lembrada não apenas como referência teórica, mas como presença viva que atravessa práticas, olhares e formas de cuidado, uma autora que continua sendo geradora de vida e pensamento.

Minha relação com este projeto também nasce de encontros e histórias. A participação na roda de conversa *“Terapia Ocupacional como Produção de Vida”*, promovida pelo Laboratório de Atividades Humanas e Terapia Ocupacional - AHTO em 2023 (AHTO, 2023), constituiu meu primeiro contato significativo com este referencial. Na ocasião, ao ouvir Mariângela Quarentei e Hellen Isabel, me deparei com uma narrativa sobre o fazer terapêutico atravessada por ética, sensibilidade e conceituação. Mais do que apresentar fundamentos teóricos, elas contavam histórias, sendo essas de atendimentos realizados, formações, vínculos e experiências de cuidado. Foi nesse movimento que identifiquei uma Terapia Ocupacional que correspondia àquilo que eu acreditava e desejava para a profissão, uma prática sensível, ética, politicamente situada e comprometida com a vida que pulsa.

Guardei poucos registros físicos desse encontro, mas ficaram comigo palavras marcantes. Entre elas, uma definição/enunciado anterior sobre concepção da TOPV que atravessou minha formação e inspirou a construção deste trabalho:

“Campo de conhecimento sobre a potência da atividade humana para cuidar dos agravos e problematizações da potência de atividade das pessoas... grupos/ coletivos/ populações etc. nos processos de criação e re-criação da vida, das vidas e dos mundos (Quarentei, por volta de 2010)”

(AHTO, 2023)

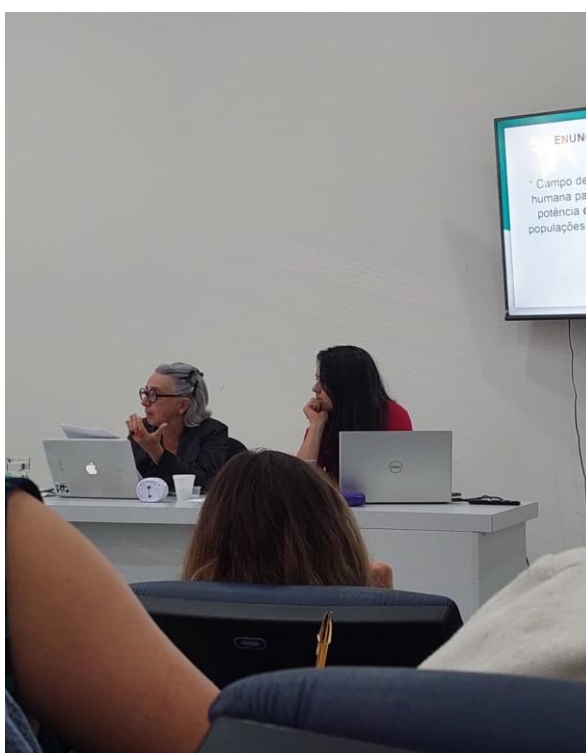


Figura 1- Encontro AHTO, 2023

Após essa experiência, iniciei conversas com minha orientadora Carla para buscar caminhos de contribuição acadêmica que dialogassem com o referencial da TOPV sem repetir as temáticas de produções já existentes dos autores que já estão estabelecidos nesta concepção. Nesse percurso, a proposta de iniciar uma equipe de organização do livro se mostrou não apenas como um movimento importante de ser realizado para a Terapia Ocupacional, mas coerente com a história que começava a se escrever, uma produção que, assim como a teoria que a inspira, nasce no encontro, na escuta e na experiência compartilhada.

Assim, este Trabalho de Conclusão de Curso se organiza como relato reflexivo e sistematizado da construção do livro, compreendendo-o como dispositivo formativo e afetivo. Mais do que um produto editorial, este livro busca se construir como um território vivo de circulação de memórias, gestos e saberes que compõem a trama da Terapia Ocupacional como Produção de Vida. Assim, para adentrar essa história, acredito ser necessário, antes, reconhecer e apresentar quem é Mariângela Quarentei e de que modo sua trajetória sustenta o horizonte do qual este trabalho se originou.

Mari, nascida na cidade de São Paulo, se graduou em Terapia Ocupacional pela Universidade de São Paulo (USP) em 1979. A mesma atuou grande parte da sua carreira atendendo no hospital-dia psiquiátrico de Botucatu, vinculada ao departamento de neurologia e psiquiatria da Universidade Estadual Paulista (UNESP), onde trabalhou e foi militante das novas maneiras de acolhimento da loucura e desconstruções dos manicômios. (SOMERA, 2020), contando com especializações realizadas também nas áreas de psiquiatria, saúde mental, estudos do corpo e da subjetividade. Foi durante essa atuação profissional que Quarentei supervisionou diversos terapeutas ocupacionais, tanto na graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), quanto no aprimoramento em saúde mental ofertado pela Universidade Estadual de São Paulo (UNESP).

Destes alunos, muitos deles aceitaram o convite para compor o livro *Cartas para Mari*, onde relataram experiências que foram verdadeiros pontos de virada em suas trajetórias. De acordo com os autores, Mari não foi apenas uma supervisora, foi presença, acolhimento e instigação. Com seu jeito atento de escutar, ela abriu caminhos para que cada pessoa se reconhecesse como terapeuta ocupacional em sua singularidade. Longe de um modelo tradicional e rígido, suas orientações pulsavam vida, arte, filosofia e prática entrelaçadas, num convite a pensar e fazer com sentido. Esses encontros, carregados de afeto e provocações, marcaram profundamente os autores, ajudando-os a reconstruir suas formas de estar no mundo e de atuar profissionalmente (SILVA; VAZQUEZ; ARAUJO, no prelo). Isso pode ser visualizado, por exemplo, no seguinte trecho de Alponete (no prelo):

[...] O percurso foi lindo. Fui descobrindo uma TO inovadora (pelo menos para mim), que correspondia ao meu desejo de ser, de pensar, ao meu existir. Um novo pensar terapêutico ocupacional, que Mari tinha propriedade, conhecimento e saber. Falava com entusiasmo e propriedade de uma TO como produção de vida. Lembro-me com alegria dos espaços compartilhados de estudos, prática e saberes (laboratórios, supervisões, grupos, ...). Uma memória viva, intacta e resistente. Um período de

criações, experimentações, vivências e possibilidades. Aprender que produzir vida é existir no mundo, é o "continuum de atividades". (ALPONTE, no prelo)

Além disso, para além de terapeuta ocupacional, Mari Quarentei é também artista visual e poeta, com pós-graduação em Poéticas Visuais, atuando ao longo de sua vida no NUAS - Núcleo de Arte Solta Botucatu, com artes de intervenção urbana nas ruas e como Editora de criação da Revista Interface-UNESP. Participou também do coletivo feminista de escritoras: Coletivo Marianas e no SOMA atelier-galeria (POEMA PARA UM PÓS IMAGEM, 2016; SOMERA, 2020). A autora possui também diversas publicações, poemas e exposições artísticas, onde busca expressar uma poética do sensível, entrelaçando corpo, palavra e imagem em criações que revelam a potência do cotidiano e a delicadeza dos gestos mínimos. Suas obras frequentemente propõem uma ruptura com a lógica do controle e da rigidez, ao explorar a fluidez da existência e os movimentos afetivos que atravessam a vida.



Figura 2- (AHTO 2024)



Figura 3 – (AHTO 2024)



Figura 4- (AHTO, 2024)

Portanto, Mari é uma presença que, assim como interpretado pelos escritos nas cartas e em suas próprias produções, inspirou reflexões profundas sobre o cuidado com o outro e o reconhecimento de si. Sua trajetória se entrelaça com o modo como percebemos as relações humanas, ampliando a compreensão do cuidado não apenas como um gesto profissional, mas como uma prática existencial que atravessa o ser e o estar no mundo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho fundamenta-se na concepção da Terapia Ocupacional como Produção de Vida (TOPV), perspectiva que compreende a Terapia Ocupacional como um campo de conhecimento vivo, em constante movimento e criação. Conforme Quarentei (2016), a Terapia Ocupacional não se organiza a partir de definições rígidas, mas se constrói nas experiências, nos encontros e nas práticas cotidianas. Tal compreensão rompe com os paradigmas normativos da ciência, ao afirmar que o conhecimento é sempre situado, relacional e produzido na interação entre sujeitos, contextos e modos de viver. Assim, a TOPV desloca a ideia de um saber neutro e universal para reconhecer o caráter ético, político, afetivo do trabalho do terapeuta ocupacional.

Nessa perspectiva, Quarentei (1994; 2001) compreende a Terapia Ocupacional como um campo que pensa a vida a partir de um *continuum incessante de atividades*, entendidas não como simples recursos técnicos, mas como territórios vivos de expressão, criação e produção de afetos. A atividade deixa de ser vista apenas como procedimento e passa a ser reconhecida como matéria do fazer humano, englobando não apenas ações concretas, mas também os gestos relacionais da vida. Trata-se de uma ampliação conceitual que atravessa o fazer e o agir, reconhecendo que é na experimentação dos fazeres que emergem afetos, intensidades, forças e sentidos atravessados por dimensões históricas, culturais, políticas e existenciais.

Ao aprofundar essa compreensão, Quarentei (2007) propõe a noção de *territórios existenciais*, concebendo a atividade como os próprios “lugares-tempos” onde a vida acontece, se afirma e se transforma. As atividades são compreendidas como acontecimentos de vida, atravessados por múltiplas dimensões da existência, constituindo o “chão” simbólico e material onde os sujeitos produzem seus modos de viver. Nesse sentido, autora traz que:

“Pensar as atividades como acontecimentos de vida implica dizer que elas são sempre plenas de sentidos, sentidos de si no mundo. Que elas são atravessadas pelos afetos-forças que nos formam e nos povoam. Não quer dizer que é uma maravilha, que são mágicas, porque isso nós sabemos na carne, que pode ser BOM e pode ser que NÃO, como diz Zélia Ducan em uma de suas canções.” (QUARENTEI, 2001, p.4)

Ademais, é fundamental destacar que as concepções que sustentam a Terapia Ocupacional como Produção de Vida não se restringem às formulações de Mariângela Quarentei, mas se ampliam nas narrativas, pesquisas e práticas de outros autores e coletivos. Tal movimento é evidenciado no estudo de Albuquerque, Cardinalli e Bianchi (2021), que, ao realizarem uma revisão sobre o uso da expressão “produção de vida” nas produções brasileiras em Terapia Ocupacional, identificam um campo plural, vivo e em expansão. Os autores observam que essa perspectiva atravessa diferentes áreas de atuação, como a saúde mental, a saúde coletiva, as artes, a cultura e as políticas sociais, sendo compreendida tanto como práticas voltadas à emancipação social e à ampliação das ações em saúde, quanto como processos de criação de modos de existir e de sustentação da vida em sua diversidade e complexidade.

Nessa mesma direção, Lima, Inforsato, de Lima e Castro (2009), alguns deles também autores convidados do livro, discutem que a potência do trabalho da Terapia Ocupacional na intersecção entre arte e saúde reside justamente na possibilidade de produzir deslocamentos subjetivos, sociais e simbólicos que ultrapassam a lógica estritamente funcional da reabilitação. Ao reconhecer a criação artística como território de existência, expressão e produção de vida, a Terapia Ocupacional passa a operar não apenas sobre limitações, mas sobre desejos, afetos, vínculos e pertencimentos.

Essa compreensão ampliada do cuidado também é mobilizada por Nunes (2025), participante ativo da TOPV, ao concebê-lo como um campo relacional que atravessa tanto as práticas profissionais quanto os gestos mais simples da vida cotidiana. Para o autor, o cuidado se constrói na escuta, na troca, no reconhecimento dos próprios limites e na escolha de estar “com o mundo”, e não contra ele. Nessa perspectiva, o trabalho da Terapia Ocupacional se alinha a

esse entendimento ético do cuidado, no qual ocupar não se reduz a executar uma ação, mas implica habitar o tempo, o espaço e as relações com sentido, afeto, responsabilidade e presença.

A partir das percepções e afetações mobilizadas pela TOPV, Quarentei et al. (2020) apontam que esse referencial possibilita modos de pensar e agir profundamente singulares, uma vez que não se estrutura como um conjunto de fórmulas, modelos fechados ou manuais de aplicação. Ao contrário, trata-se de uma concepção que nasce do coletivo e se sustenta como um modo sensível de observar, refletir e produzir o saber-fazer da Terapia Ocupacional a partir das experiências, dos encontros e dos contextos da vida.

Tal característica torna a TOPV necessariamente diversa, plural e em permanente movimento, abrindo espaço para múltiplas criações, deslocamentos e reinvenções do cuidado. Nessa mesma direção, Mariângela destaca, em entrevista concedida a Cardinalli e Silva (2021), que não há sentido em rigidificar uma perspectiva que se constrói justamente na liberdade, na flexibilidade e na abertura às experiências vividas, pois é nessa tessitura entre prática, afeto e reflexão que a TOPV se mantém viva e criadora. É possível exemplificar esta fala em:

[...] Eu tenho uma concepção de terapia ocupacional como Produção de Vida e de atividade como criação de território existencial, mas não é um método e nem somente uma forma de compreender, é uma forma de fazer pensar a terapia ocupacional. [...] Nunca tentei fazer uma teoria e metodologia fechada, isso é muito meu, pois sou uma pessoa capaz de lidar com situações bastante descontínuas e fragmentadas. (CARDINALLI; SILVA, 2021, p. 11 e 13)

Nesse horizonte, o livro *Cartas para Mari* insere-se como parte desse campo ampliado de produção de conhecimento, ao reunir relatos, memórias, afetos e expressões artísticas que materializam, na experiência dos autores, os princípios éticos, estéticos e políticos que atravessam a Terapia Ocupacional como Produção de Vida, configurando-se também como um dispositivo de formação, memória e afirmação dessa perspectiva.

3. METODOLOGIA

Como parte da metodologia construtiva do livro, a equipe organizadora construiu, como uma das primeiras fases deste processo, um cronograma que se organizou em etapas sucessivas, definidas no primeiro encontro entre nós. Nesse momento inicial foram alinhados elementos fundamentais para o desenvolvimento do projeto, tais como: a seleção dos autores convidados para escrita das cartas; a definição dos prazos de envio de cada etapa e a estrutura preliminar do material a ser incluído na publicação, os quais todos esses materiais foram inclusos em um

documento do *Google Drive* para facilitar o acesso e a busca por eles em diferentes momentos. Além dos textos, deliberou-se pela inserção de imagens, produções artísticas, poemas e materiais originalmente produzidos por Mariângela Quarentei, constituindo o livro como um material heterogêneo que articula palavra, arte e memória. A partir desses alinhamentos, foi elaborado um cronograma inicial de caráter semiestruturado, permitindo ajustes ao longo do processo conforme as necessidades emergentes.

Esse planejamento foi sistematizado em planilhas digitais, utilizando o *software Microsoft Excel*, o que possibilitou maior organização visual das etapas e acompanhamento da execução. Essa ferramenta também permitiu registrar alterações de prazos, adições de materiais e atualizações ao longo do percurso, mantendo o processo acessível e compartilhado entre as organizadoras. O cronograma pensado se mostra como:

CRONOGRAMA	
<i>Reunião inicial da equipe</i>	13/05/2024
<i>Escrita do e-mail convite p/ participação no livro</i>	Convite em português: 17/05/2024 Convite em espanhol: 23/05/2024
<i>Envio dos convites</i>	28/05/2024
<i>Prazo para escrita – envio das cartas</i>	30/06/2024
<i>Reunião de todos os textos em um só documento</i>	08/08/2024 – 03/05/2025
<i>Escrita e envio de convite p/ produção individual de expressões não verbais do texto</i>	11/06/2025
<i>Prazo para envio das produções</i>	01/07/2025
<i>Edição do livro com todos os elementos</i>	27/08/2025 – 28/10/2025

Por este cronograma, é possível observar que obtivemos uma média de 1-2 meses entre cada etapa, para que fosse possível esperar as respostas dos autores e para organizar a estrutura do livro que teria como composição tais respostas. A reunião de todas as cartas foi o processo mais longo pois demandou tempo para trabalhar a estrutura e formatação do livro como idealizado inicialmente.

Para além da delimitação de algumas das etapas deste cronograma, a equipe organizou, inicialmente, algumas estratégias importantes de serem pensadas para a construção do livro, como:

- Definição do título do livro
- Lista de nomes e contatos daqueles que seriam convidados a participarem da escrita
- Delimitação de laudas para cada autor (entre 3-5 páginas)
- Organização dos envios de convite, lembretes e prazos para entrega
- Inclusão de materiais expressivos (áudios, fotos, escritas)
- Disponibilização do livro de forma digital e física
- Levantamento de obras de Mariângela para inclusão junto ao livro
- Busca por editoras para publicação do livro

Já sobre a definição das autoras e autores que comporiam o livro, esta ocorreu por meio de um processo coletivo de rememoração e mapeamento de pessoas que, ao longo dos anos, estiveram implicadas nos percursos formativos, afetivos e teórico-práticos construídos junto a Mariângela Quarentei. A seleção não se limitou à proximidade institucional com pesquisas, mas considerou indivíduos que participaram de diferentes momentos de sua trajetória, como turmas de aperfeiçoamento, integrantes de coletivos vinculados à TOPV, participantes de encontros formativos e profissionais que demonstraram afinidade, aproximação teórica e sensibilidade com este referencial.

O grupo escolhido não se restringiu exclusivamente a terapeutas ocupacionais, mas incluiu também pessoas cuja relação com a arte e com o referencial se mostraram significativas e coerentes com a TOPV. Essa composição heterogênea foi entendida como potência, uma vez que muitos dos convidados já haviam compartilhado experiências, práticas e interações entre si, facilitando o reconhecimento de nomes e tornando a etapa de seleção mais fluida e orgânica. Após a definição da lista preliminar, elaborou-se um convite formal enviado individualmente por meio do *e-mail* institucional do Laboratório AHTO (Atividades Humanas e Terapia Ocupacional), responsável por apoiar e viabilizar o projeto. O texto do convite apresentava a proposta do livro, contextualizava seu caráter de resgate de memórias e convidava cada pessoa a contribuir voluntariamente com uma carta e produção artística destinada a Mariângela. Somente após a confirmação expressa de participação foram consolidados os nomes que integrariam a obra.

A lista de autores que confirmaram por escrito o desejo de compor conosco e enviaram suas cartas em prazo hábil foram:

- Alessandra Rossi Paolillo
- Andre Nunes
- Angela Yuri
- Elizabeth Maria Freire de Araujo Lima
- Betina Alponete
- Carolina Shiramizo
- Eliana Maria Dantas Anjos
- Eliane Dias Castro
- Éllen Cristina Ricci
- Fernanda de Cássia Ribeiro
- Helen Isabel de Freitas
- Iara Flávia Afonso Guimarães
- Isabela Aparecida de Oliveira Lussi
- Isadora Cardinali
- Karol Casagrande Crepaldi
- Mariana Louver Mendes
- Marília Meyer Bregalda
- Paula Tatiana Cardoso
- Sabrina Helena Ferigato
- Teresa Cristina Brito Ruas Desco

Após o recebimento de cada carta e a atualização da planilha organizadora, iniciou-se outra etapa do processo: o convite para que autoras e autores contribuíssem com uma expressão artística complementar ao texto. Esse convite buscava ampliar o sentido da escrita, oferecendo a possibilidade de representar trechos da carta, ou sua totalidade, por meio de linguagens diferentes. A intenção era construir uma estética plural, previamente imaginada para o livro, em que palavra, imagem, gesto e memória pudessem coexistir.

O convite, enviado individualmente por *e-mail* ou *WhatsApp* de cada autor, incluía sugestões de trechos da própria carta que haviam se destacado durante a leitura preliminar feita pela equipe, servindo como possíveis disparadores para o processo criativo. Também foram

compartilhadas referências de formatos e mídias que poderiam ser incorporadas à obra, sem impor obrigatoriedade ou limitar a liberdade expressiva de cada participante. Entre as possibilidades sugeridas estavam: gravação de áudios com leitura do texto, escrita manual da carta ou fragmentos, fotografias, objetos simbólicos, obras visuais, poemas, colagens ou outras formas de expressão que evocassem os sentidos presentes na experiência relatada.

Em relação aos prazos para entrega dessas produções, optamos por estabelecer datas orientadoras, mas com margem de flexibilidade para adequação às demandas pessoais de cada autor ou autora. Tal escolha reconhece a singularidade dos processos criativos e a influência dos contextos de vida sobre o fazer artístico. Assim, recusamos que houvesse uma rigidez cronológica muito forte em favor de um fluxo ético e colaborativo, garantindo que contribuições significativas não fossem excluídas devido a exigências temporais incompatíveis com o ritmo próprio de cada participante.

3.1. EDIÇÃO E FORMATAÇÃO DO LIVRO

A etapa de formatação e edição do livro iniciou-se com a escolha da plataforma Sigil, um *software* voltado para a criação de e-books no formato “.epub”, cuja estrutura utiliza linguagem HTML e CSS. (SIGIL, s.d.) A opção por essa ferramenta foi motivada pela possibilidade de integrar texto, imagens e diferentes mídias em um único arquivo já preparado para publicação digital, o que, em um primeiro momento, parecia adequado à proposta multimodal do livro *Cartas para Mari*.

Entretanto, o funcionamento do programa baseia-se na inserção de conteúdos por meio de codificação, exigindo maior familiaridade com comandos técnicos para ajustes visuais e estruturais. Embora o *Sigil* ofereça vantagens no processo de automatização do formato final do *e-book*, o aprendizado e manejo das ferramentas se apresentaram como um desafio significativo durante o desenvolvimento do projeto.

Esse desafio tornou-se ainda mais evidente considerando que o livro foi concebido com forte presença de elementos visuais, demandando flexibilidade gráfica e liberdade de organização estética. A rigidez estrutural do programa, junto às limitações na edição de imagens e na disposição dinâmica dos elementos, acabou por restringir algumas das intenções iniciais de design. Dessa forma, o processo exigiu adaptações e reavaliação das estratégias de edição ao longo do percurso.

Dessa forma, diante das limitações apresentadas, optamos por migrar o processo de edição para uma ferramenta que oferecesse maior flexibilidade e controle visual do produto final. Assim, a diagramação e o design do livro passaram a ser realizados no *Microsoft Word*, cujo ambiente possibilitou acompanhar em tempo real a organização dos elementos gráficos, ajustando imagens, textos, disposições espaciais e escolhas de layout conforme a proposta original do projeto. Essa mudança permitiu maior liberdade criativa, favorecendo a construção de uma estética mais orgânica e coerente com o caráter do livro.

Após a finalização da diagramação no Word, o arquivo foi exportado em formato PDF e posteriormente convertido para o formato “.epub”, adequado à publicação digital. Para essa conversão, utilizou-se o software *Calibre*, ferramenta que permite transformar arquivos PDF em e-book, preservando, tanto quanto possível, sua estrutura e identidade visual. A conversão demandou ajustes finais na própria plataforma, especialmente para garantir legibilidade, compatibilidade com diferentes dispositivos e manutenção da organização gráfica planejada. Assim, o processo editorial resulta-se em um formato final mais alinhado ao propósito inicial da obra.

Além dos processos de edição e composição gráfica do livro, é importante reconhecer o papel fundamental do acervo digital “*Mari Quarentei e CTOPV*”, organizado pela biblioteconomista Jenifer Braz (AHTO, 2024), na construção desta obra. Esse acervo reúne produções artísticas, textuais, visuais e documentais relacionadas à trajetória de Mariângela Quarentei e às ações desenvolvidas pelo Coletivo Terapia Ocupacional como Produção de Vida. Seu conteúdo inclui registros de eventos, manuscritos, publicações acadêmicas, obras, materiais formativos e diferentes expressões que emergiram do movimento da TOPV ao longo dos anos.

O acesso a esse acervo foi essencial para a composição do livro, pois permitiu localizar materiais dispersos, recuperar registros históricos e reunir produções de difícil disponibilidade em plataformas digitais. Assim, o acervo funcionou como uma base documental que sustentou parte do processo de pesquisa e seleção de conteúdos, contribuindo significativamente para a autenticidade e estética presentes na obra final.

4. PRODUTOS E RESULTADOS

O principal produto resultante deste processo foi o livro “*Cartas para Mari - Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida*” em si. No entanto, para além

da materialidade da obra, seu desenvolvimento possibilitou identificar e analisar diferentes desdobramentos qualitativos e quantitativos relacionados ao campo da Terapia Ocupacional como Produção de Vida.

Quanto ao levantamento de participantes, identificamos 20 pessoas que contribuíram diretamente com cartas para a obra. Entretanto, durante o processo de mapeamento, foram reconhecidos ao menos 24 profissionais que se relacionam de forma significativa com o referencial da TOPV, número este que inclui terapeutas ocupacionais de diferentes regiões do Brasil e também alguns atuantes no exterior. Esse dado revela que, embora os coletivos ligados à TOPV tenham surgido de núcleos relativamente pequenos, a perspectiva tem se expandido e alcançado novos territórios formativos, profissionais e geográficos. Tal expansão evidencia a amplitude interdisciplinar do referencial, que dialoga com campos como arte, filosofia, linguagem e estudos da subjetividade.

É importante destacar, entretanto, que a TOPV ainda permanece, em grande parte, à margem dos currículos formais da graduação. Por ter se constituído fora de modelos acadêmicos rígidos e normativos, o referencial enfrenta obstáculos para adentrar disciplinas obrigatórias e espaços institucionais tradicionais. Essa ausência sistemática reflete não a falta de relevância teórica, mas a dificuldade de encaixar saberes produzidos coletivamente, poeticamente e de maneira experimental em lógicas hegemônicas de ensino.

Ao analisar os resultados obtidos, observa-se que grande parte das pessoas envolvidas conseguiram articular a escrita com outras linguagens expressivas, elemento que reafirma a relação intrínseca entre a TOPV, a arte e os modos sensíveis de produzir conhecimento. Mesmo diante de ausências pontuais, o conjunto das participações nos mostra uma rede viva e em movimento, valorizando a multiplicidade de linguagens como forma de pensamento e cuidado.

Já sobre os resultados qualitativos, que são os mais expressivos desta produção, é possível perceber os diferentes caminhos de construção e solidificação da TOPV na vida e carreira dos profissionais que instituem essa concepção em suas práticas. Sobre esses caminhos, conseguimos estudar quais foram as principais ações, coletivos e grupos que formularam a TOPV e onde ela continua se expandindo.

Lima (no prelo) traz em parte de sua escrita o seguinte trecho, que discorre um pouco sobre como a TOPV ganha vida em espaços de publicação acadêmica que se encaixem com seus ideais:

“Juntas demos maior consistência a um projeto inovador, eu diria mesmo, revolucionário no campo das publicações científicas. [...] Um espaço em uma revista do campo da Saúde Coletiva para a presença de linguagens sonoras, visuais, poéticas, literárias, como meios de reflexão para as questões do campo. A aposta era a de que a linguagem científica não seria suficiente para dar expressão à complexidade das questões envolvidas na saúde coletiva.” (LIMA, no prelo)

Dessa forma, os textos nos mostram a possibilidade de criação em conjunto, da importância da coletividade do saber, resultando em produções que perpetuam essas reflexões de forma mais fluída, crítica e, em minha concepção, um fazer que reflete como a Terapia Ocupacional se constitui, de conhecimentos intrinsecamente conectados à prática e no “fazer em conjunto.” Yuri (no prelo) descreve esta experiência da importância do coletivo na produção profissional em:

Fica evidente a liberdade que você sempre usou para criar possibilidades de ensino-aprendizagem, para eleger materiais e ferramentas que proporcionariam experiências coletivas, para indicar leituras que nos tocariam através das palavras. [...] Exercer a Terapia Ocupacional como Produção de Vida é superar o paradigma biológico, mecanicista, reducionista e fundar uma TO que se incrusta no corpo da gente feito pedra preciosa. (YURI, no prelo)

Ademais, o livro nos traz importantes reflexões sobre o uso e conhecimento da atividade na Terapia Ocupacional e como ela se reflete na vida de indivíduos, pensando na vida como um *continuum de atividades*. A atividade humana se mostra, neste referencial, como uma experiência que ganha vida, que se modela, que é dinâmica, que interrompe o pensamento de padronização dos cotidianos que muitas vezes, como profissionais, nos deparamos com estes caminhos que buscam a perpetuação da lógica da padronização do indivíduo em nome de uma ditada “funcionalidade”. Neste trecho, Ricci (no prelo), reflete exatamente sobre a busca por significados e uma “despadronização” do fazer:

“[...] Fui utilizando seus textos como ferramentas de reflexão, mas também como escudo de proteção contra as falas de pessoas pouco empáticas a dor do outro. Durante a graduação ainda escutava de algumas profissionais (terapeutas ocupacionais e até mesmo docentes), que algumas atividades eram uma reprodução “disso aqui, daquilo

outro ali”, sem sentido, ... ou com sentido meramente produtivista. Contudo, quem dava o significado do sentido? A quem perguntamos o sentido das ações, dos fazeres?” (RICCI, no prelo)

A complexidade do trabalho da Terapia Ocupacional em buscar, continuamente, se desfazer de padrões e hegemonias se reflete neste texto, indicando, novamente, que estamos sempre sujeitos a nos voltarmos para uma prática endurecida, que se afasta da dinamicidade do corpo, das atividades e da vida. As lógicas de trabalho e de mercado em que estamos constantemente envolvidas nos encaminham para práticas que valorizam saberes reducionistas em busca de produção, assim como trazem os relatos de terapeutas ocupacionais em Ricci et al. (2025) sobre a mercantilização do cuidado. A TOPV busca, não atuar como um método direcionador da prática, mas se firmar como uma referência de percepção do próprio terapeuta ocupacional do seu ser-fazer, uma forma de reflexão sobre como sua forma de estar e perceber o mundo e os sujeitos atingem também a forma como trabalhamos. Freitas (no prelo) traz em sua carta, percepções sobre esse movimento:

“Movimento e repouso, vácuo e presença, expansão e retração... você me ensinou que esta é a ação do vivo, da vida. E que é com isso que a gente trabalha, com os processos de produção de vida. Como o mover, deslocar e acomodar a experiência de existir, direcionado a ampliação da potência infinita de diferenciação e atualização de si. De produção de outramentos! Isso me faz olhar pra TO e pra vida, pros meus fazeres, de um jeito inevitavelmente cada vez mais complexo e encantador a cada momento.” (FREITAS, no prelo)

Assim, as cartas carregam em si diversos relatos sobre como a vivência com a TOPV infiltra seus mundos, de forma que essas reflexões atingem a prática com os sujeitos e percepções sobre o próprio fazer profissional, como podemos perceber em variados recortes do livro:

“A sua sensibilidade para compreender o sofrimento psíquico e a forma como pensava as atividades me impressionavam. E quando me fazia aquelas perguntas: o que esta pessoa mobiliza em você? O que você sente quando está neste encontro terapêutico? Tudo isso me fazia refletir muito e, com toda certeza, aprendi a compreender o sofrimento psíquico e o trabalho no corpo a corpo com você. E como gostei disso!” (LUSSI, no prelo)

“Aprendi que cada terapeuta ocupacional opera mais intensamente em algum(uns) dos elementos do processo terapêutico ocupacional; reconhecer que eu operava principalmente a partir das relações me foi muito útil para reafirmar e reconhecer isso como um ponto forte, mas também para buscar investir nos demais elementos em que eu tinha e tenho maiores fragilidades. Ali aprendi que era preciso desenvolver os argumentos: não basta afirmar que é legal, que é importante. É preciso construir a capacidade de analisar e descrever aquilo que se sente e se afirma.” (BREGALDA, no prelo)

“Me deslocar do lugar de alguém que utiliza a atividade como um instrumento terapêutico para a percepção de que o objeto da nossa profissão – as atividades – são matérias de vida, deslocou minha relação com a minha escolha de formação profissional, mas também comigo mesma em meu processo de construir um corpo terapeuta ocupacional em meu adultecer. Senti com muita vontade de abraçá-la ao fim da mesa, mas a timidez me impediu.” (FERIGATO, no prelo)

“O advento da CIF estava já sendo proclamado pela OMS, como um marco nos moldes de se pensar a funcionalidade humana. Você nos alertava sobre o canto da sereia que isso poderia virar, caso não construíssemos algo próprio que pudesse “tamponar em partes nossa escuta”, salvaguardando a profissão para além de uma ordem mercadológica.” (NUNES, no prelo)

Diante de todo este percurso apresentado, é evidente que a amplitude do que compõe a Terapia Ocupacional como Produção de Vida não se esgota nestas páginas. As ações, reflexões e modos de existir associados a esse referencial se revelam como um campo complexo e em movimento. O livro, enquanto produto e processo, torna visível apenas um fragmento deste universo, ainda assim, capaz de revelar a densidade e a potência do que vem sendo construído ao longo de décadas por profissionais, coletivos e diferentes contextos.

Ao observar o conjunto de participantes e suas produções, mesmo restrito a um recorte específico das pessoas que transitam ou se reconhecem na TOPV, percebemos uma pluralidade de expressões que reafirma o caráter vivo, experimental e não linear desse modo de pensar-fazer Terapia Ocupacional. Portanto, ainda que este trabalho apresente apenas recortes de um todo muito maior, já é possível reconhecer a força transformadora de uma Terapia Ocupacional que não busca adaptar-se ao já dado, mas escutar mundos diversos e produzir modos de existência mais habitáveis.

5. REFLEXÕES

Sintetizar tudo o que emergiu desde o início da produção deste livro é, por si só, um desafio. Ao revisitar inúmeras vezes cada carta enviada, pude perceber que esse processo abriu um universo da Terapia Ocupacional como Produção de Vida que eu ainda não conhecia em sua profundidade. Esta leitura permitiu identificar rastros da construção desse referencial: suas origens, os sujeitos que o sustentaram ao longo do tempo, os espaços nos quais debates e encontros ocorreram, e sobretudo, os modos como esse pensamento se desdobrou em práticas e existências.

Ao mesmo tempo, as cartas convidam a conhecer outras obras, trajetórias e escritas dos autores envolvidos, despertando um desejo pelo aprofundamento de conceitos, criações teóricas, e compreender os caminhos ainda possíveis para investigação e expansão da TOPV. Assim, ler e escrever este trabalho foi, para mim, um modo de encontro, ainda que não presencial, com aqueles que compõem essa história. Cada trecho e cada memória revelam fragmentos de trajetórias, fazendo-me compreender, pouco a pouco, como essa perspectiva se constitui e se reinventa.

O processo formativo de organização do livro, portanto, ultrapassou uma dimensão técnica, embora ela também estivesse presente, no uso de ferramentas, na edição, na estética e no diálogo com autores. Ele se configurou principalmente como um exercício de encontro com o humano. Cada carta carrega em si um gesto, uma memória, uma saudade, um pensamento e uma afetação singular. Existe, em cada escrita, não apenas conteúdo, mas presença.

Organizar essas vozes, estilos e sensibilidades se tornou, para mim, uma das experiências acadêmicas mais potentes da graduação. No entanto, é importante reconhecer que esse movimento, apesar de profundo, ainda carrega um lugar de leitura e investigação, um lugar que dialoga com a produção acadêmica, mas não se confunde totalmente com ela. Existe uma diferença concreta entre estudar a Terapia Ocupacional como Produção de Vida e vivê-la, em coletivo, no encontro, no fazer que se constrói com o outro. E talvez seja justamente essa diferença que continue me convocando, abrindo espaço para uma pergunta que permanece: como seguir produzindo vida, também na continuidade deste caminho?

Além disso, desejo que este livro não seja apenas um registro, mas um ponto de partida. A reunião dessas cartas cria um território de possibilidades para futuras pesquisas, discussões e

desdobramentos da TOPV. Ao aproximar trajetórias distintas, estilos diversos e modos particulares de pensar e fazer Terapia Ocupacional, o livro evidencia que a TOPV ainda guarda muitos caminhos possíveis de investigação: sejam eles acadêmicos, teóricos ou práticos, no campo da formação ou nos territórios da atuação profissional.

Portanto, espero que quem o leia se sinta convocado, não apenas intelectualmente, mas afetivamente, a conhecer mais de perto esse referencial, que ainda encontra pouco espaço nas estruturas formais de ensino. Existe uma lacuna importante na formação universitária que deixa de acolher esse modo de pensar a profissão, e talvez este livro possa ajudar a tensionar essa ausência, abrindo novos acessos e curiosidades. Mais do que um material de consulta, desejo que ele se torne um convite a experimentar, pesquisar, questionar, criar e viver a Terapia Ocupacional como Produção de Vida, não apenas como teoria, mas como prática, como ética-estética e, sobretudo, como modo de existir no encontro com o outro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como principal objetivo narrar, analisar e refletir sobre o processo de criação do livro *Cartas para Mari – Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida*, compreendendo-o não apenas como um produto editorial, mas como um dispositivo formativo e afetivo. Ao longo do percurso, tornou-se evidente que a produção do livro materializa, na prática, os princípios da Terapia Ocupacional como Produção de Vida, ao se constituir no encontro, na coletividade, na escuta sensível e na criação compartilhada. Assim, mais do que registrar trajetórias e memórias, o livro produz movimento, convoca reflexões e reafirma a potência da atividade humana.

Os resultados evidenciaram que a TOPV, ainda que sustentada historicamente por núcleos específicos, vem se expandindo para diferentes territórios profissionais, geográficos e epistemológicos, atravessando campos como a arte, a saúde mental, a cultura e a saúde coletiva. As cartas e produções artísticas revelam a profundidade com que esse referencial atravessa as trajetórias pessoais e profissionais dos autores, reafirmando a indissociabilidade entre vida, atividade, criação e cuidado. Ao mesmo tempo, o trabalho aponta para as tensões existentes entre essa perspectiva viva, poética e experimental e os limites impostos pelas estruturas acadêmicas e institucionais ainda fortemente normatizadas, evidenciando a necessidade de ampliar os espaços de legitimação desse modo de pensar-fazer Terapia Ocupacional na formação universitária.

Por fim, este estudo permite afirmar que a TOPV não se encerra em definições, métodos ou prescrições, mas se apresenta como uma ética do encontro, da sensibilidade e da criação. O livro se coloca, assim, como um gesto de continuidade da obra viva de Mariângela Quarente e dos coletivos que sustentam esse referencial, ao mesmo tempo em que lança perguntas para o futuro da profissão. Que esta produção possa seguir como disparadora de novos estudos, práticas e experiências sensíveis, capazes de produzir deslocamentos no modo de formar, atuar e existir como terapeuta ocupacional, reafirmando a vida como centro, matéria e horizonte da profissão.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, G.M.P. de; CARDINALLI, I.; BIANCHI, P.C.. Terapia ocupacional e a expressão “produção de vida”: o que dizem as produções brasileiras?/ Occupational therapy and the expression “life production”: what do the Brazilian productions say?. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 29, p. e2133, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2820>.

Acesso em: 18 nov. 2025

ATIVIDADES HUMANAS E TERAPIA OCUPACIONAL. **Biblioteca Mari Quarentei**
Compilação de narrativas textuais e imagéticas do acervo pessoal da Mariângela Scaglione Quarentei. São Carlos: UFSCar, 2024. (Compilação técnica). Documento em acervo interno do AHTO. Disponível sob demanda junto à organização.

CARDINALLI, I.; Silva, C. R. (2021). Trajetórias singulares e plurais na produção de conhecimento de terapia ocupacional no Brasil. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, 29, e2040. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO2040>.

Acesso em: 04 dez. 2025

LABORATÓRIO DE ATIVIDADES HUMANAS E TERAPIA OCUPACIONAL (AHTO). **Roda de conversa: Terapia Ocupacional como Produção de Vida**. Evento realizado em 2023. Universidade Federal de São Carlos, 2023.

LIMA, E.M.F. Araújo; INFORSATO, E.A.; LIMA, L.J.C. de; CASTRO, E.D. de. Ação e criação na interface das artes e da saúde . **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, Brasil, v. 20, n. 3, p. 143–148, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rto/article/view/14069>.. Acesso em: 04 dez. 2025.

NUNES. A. Ocupado pode entrar: uma reflexão. **Maquinomóvel (blog)**, 09 abr. 2025. Disponível em: <https://www.maquinomovel.com/2025/04/ocupado-pode-entrar-2-uma-reflexao.html>. Acesso em: 04 dez. 2025.

QUARENTEI MS, PAOLILLO AR, SILVA CR, FREITAS HI, CARDINALLI I, AMBROSIO L, CARDOSO PT, FERIGATO SH. NÓS-EM-PANDEMIA: um ANTImanual do fazer em tempos de paradoxos na atividade. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro. suplemento, 2020. v.4(3): 302-317. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34476>. Acesso em: 04 dez. 2025

QUARENTEI, M. S. Terapia ocupacional e produção de vida. **In Anais do 7º Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional** (pp. 1-8). Porto Alegre: ABRATO, 2001.

QUARENTEI, M.S. ATIVIDADES: Territórios para Expressão e Criação de Afetos. **Resumo publicado no Boletim de Psiquiatria – EPM**, São Paulo, v.27 (1): 26-27, 1994.

QUARENTEI, M.S. **Entrevista de Mariângela Quarentei**. 2016. Disponível em: Biblioteca Mari Quarentei Compilação de narrativas textuais e imagéticas do acervo pessoal da Mariângela Scaglione Quarentei. Acesso em: 04 dez 2025

QUARENTEI, M.S. Poema para um pós-imagem. **Totem e Pagu (blog)**, 16 jul. 2016. Disponível em: <https://totemepagu.wordpress.com/2016/07/16/poema-para-um-pos-imagem-por-mari-quarentei/>. Acesso em: 12 maio 2025.

QUARENTEI, M.S. Do ocupar a criação de territórios existenciais. **Congresso brasileiro de Terapia Ocupacional: contextos, territórios e diversidades**. Goiânia- GO, 2007.

RICCI, T. E.; FERNANDES, A. D. S. A.; CESTARI, L. M. Q.; MARCOLINO, T. Q.; SOUZA, M. B. C. A. de. Terapeutas cansadas: da precariedade do trabalho à precariedade da assistência na indústria do autismo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 33, p. e3846, 2025. DOI: 10.1590/2526-8910.ctoAO396338461. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/3846>. Acesso em: 18 nov. 2025.

SIGIL. **Sigil – EPUB ebook editor**. Disponível em: <https://sigil-ebook.com/sigil/>. Acesso em: 04 dez. 2025.

SILVA, C.R.; VAZQUEZ, I.D.; ARAUJO, S.P. **Cartas para Mari - Poéticas e Encruzilhadas da Terapia Ocupacional como Produção de Vida**. No prelo.

SOMERA, B. Artista de Botucatu expõe obras de arte em Portugal. **Solutudo**, Botucatu, [s.d.]. Disponível em: <https://conteudo.solutudo.com.br/botucatu/artista-de-botucatu-expoe-obras-de-arte-em-portugal/>. Acesso em: 12 maio. 2025.